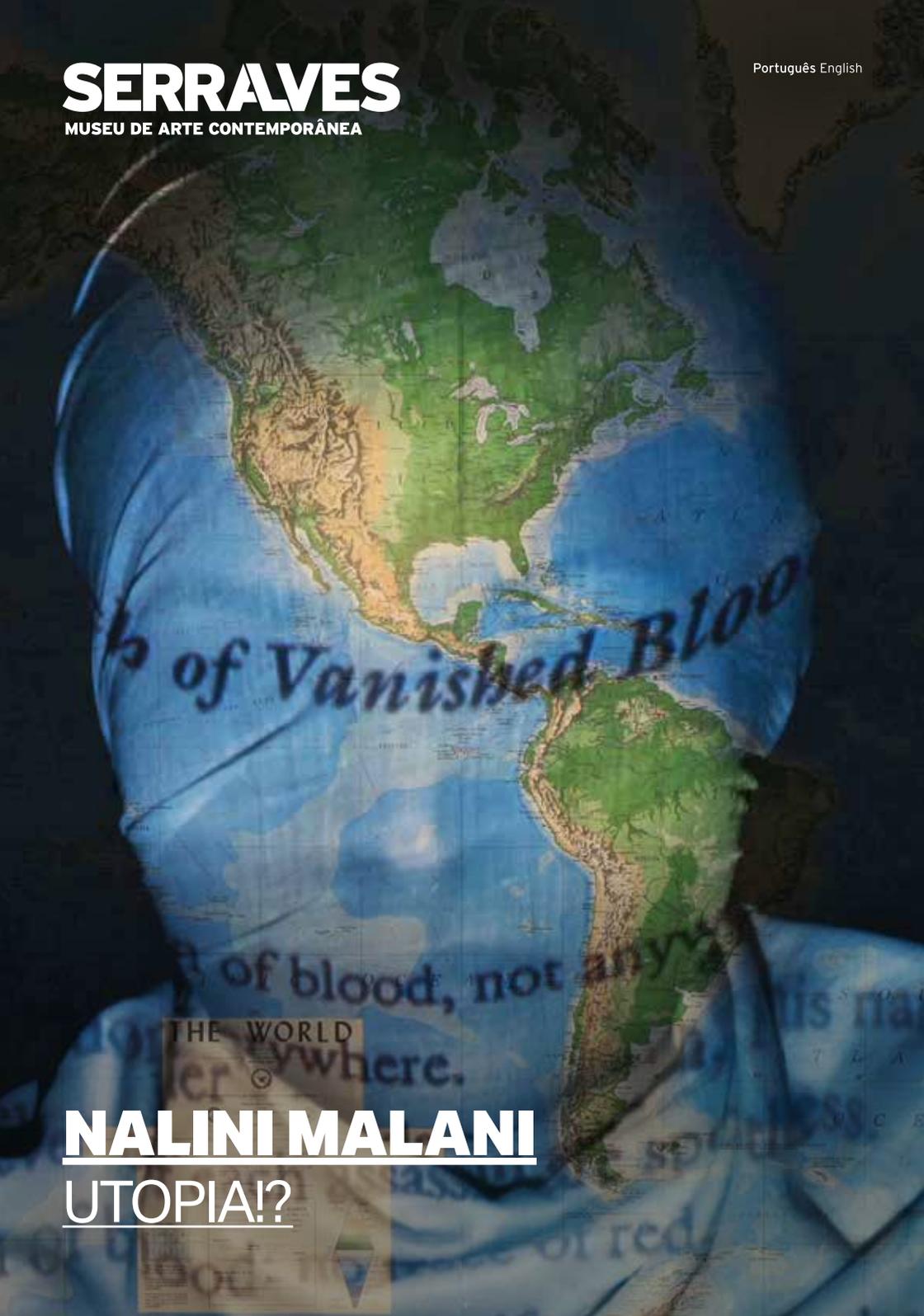


# SERRAVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English



**NALINI MALANI**  
**UTOPIA!?**

## **EXPOSIÇÃO**

### **EXHIBITION**

Comissariada por Filipa Loureiro e Ricardo Nicolau, a exposição em Serralves acontece na esteira da atribuição à artista de uma das mais prestigiantes distinções no mundo da arte contemporânea: o Prémio Joan Miró 2019, organizado pela Fundació Joan Miró e a Fundação "la Caixa".

A pedido da artista, esta exposição inclui apenas obras provenientes de museus e coleções privadas da Europa Ocidental, em linha com o seu compromisso de longa data com exposições mais sustentáveis.

Curated by Filipa Loureiro and Ricardo Nicolau, the exhibition in Serralves comes in the wake of Nalini Malani winning the 2019 Joan Miró Prize, one of the most prestigious awards in the contemporary art world, organised by Fundació Joan Miró and 'la Caixa' Foundation.

As per request of the artist, this exhibition only includes artworks coming from museums and private collections in Western Europe, in line with her long-term commitment to more sustainable exhibitions.

#### **A EXPOSIÇÃO TEM LUGAR NOS PISOS 3 E 2 DAS GALERIAS DO MUSEU.**

#### **THE EXHIBITION TAKES PLACE ON THE FLOOR 3 AND 2 OF THE MUSEUM GALLERIES.**

## **NALINI MALANI: UTOPIA!?**

Esta é a primeira exposição em Portugal da conceituada artista indiana Nalini Malani (Carachi, Índia indivisa, 1946). Amplamente conhecida pelos seus vídeos/teatros de sombras, a mostra em Serralves apresenta uma faceta do seu trabalho igualmente relevante, mas com que os públicos estão porventura menos familiarizados, centrando-se nas suas animações desenvolvidas entre finais dos anos 1960 e a atualidade.

Foi no final da década de 1960, numa cena artística indiana dominada por homens, que Nalini Malani emergiu como uma voz provocatória e feminista, igualmente pioneira no trabalho com meios artísticos como o cinema experimental, a pintura, o vídeo e a instalação. Além de dar voz às mulheres, a artista sempre se destacou pela sua preocupação com questões sociais, conferindo protagonismo aos marginalizados através de histórias visuais (animações, nomeadamente) que exploram temas como o feminismo, a violência, as tensões raciais e os legados pós-colonialistas. As animações reunidas na exposição em Serralves, realizadas entre 1969 e 2020, foram agrupadas sob o signo da Utopia (este é aliás o título da mais antiga obra apresentada), relacionando-se, por um lado, com o sentimento utópico que se seguiu à independência da Índia e, por outro, com a desilusão em relação àquilo que o país se tornaria, governado por regras ditadas pela ortodoxia religiosa.

Em finais da década de 1960, Nalini Malani surgiu como uma voz pioneira no Vision Exchange Workshop (VIEW), com filmes experimentais e fotografia realizada sem câmara. Os seus trabalhos sublinhavam a esperança depositada no novo Estado liderado por Nehru e, simultaneamente, denunciavam a discriminação de que as mulheres eram alvo

no país, um tema que a artista continuou a explorar nas suas obras. Esta justaposição é central no trabalho com que a exposição se inicia, **Utopia**, uma instalação em dois ecrãs de um filme (*Dream Houses*) de animação de 8 mm a cores e de um filme de 16 mm a preto e branco transferido para digital, produzido pela artista entre 1969 e 1976.

Segue-se **Memory: Record/Erase**, a primeira animação por apagamento de Malani, produzida em 1996 como parte integrante da peça de teatro *Naukari 1997*, na qual colaborou com a encenadora Anuradha Kapur. Baseada em *Der Arbeitsplatz*, um conto do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, a história acompanha uma família que caiu na miséria durante a depressão alemã: a protagonista, a Sra. Hausmann, é obrigada a assumir a identidade do seu falecido marido para manter o emprego dele como guarda-noturno e assim sustentar os seus dois filhos. Apesar do excelente desempenho dessas funções e mesmo após receber elogios públicos por apanhar um ladrão, a sua identidade acaba por ser descoberta durante um acidente na fábrica. É consequentemente despedida e forçada a resignar-se a uma existência precária em que tem de vender o corpo para sobreviver. A interpretação de Malani é composta por desenhos em papel pergaminho que aparecem subitamente, sofrem mutações e depois desaparecem. Além de fazer referência a uma injustiça flagrante e salientar a divisão arbitrária do trabalho entre os géneros, Malani alude de forma poética à natureza frágil e efémera das nossas identidades, da nossa memória e, de forma mais vasta, da nossa humanidade.

Como artista empenhada em questões sociopolíticas, Nalini Malani considera o seu trabalho como uma descrição ativa da sociedade moderna feita por uma testemunha ocular. **Unity in Diversity**, 2003, mostra uma



sala de estar indiana de classe média, com fotografias históricas de Gandhi e Nehru nas paredes banhadas por uma luz difusa e uma pintura que ganha vida diante dos nossos olhos. Numa moldura dourada é apresentado um vídeo com a pintura de Ravi Varmã, *Galaxy of Musicians*, exibida no Congresso Mundial de Religiões de Chicago em 1893, onde o filósofo Swami Vivekananda alertou para os perigos da ortodoxia religiosa. Na época, a Índia testemunhava o surgimento de uma escola de pensamento nacionalista em paralelo com movimentos reformistas poderosos. A pintura retrata onze mulheres em trajes regionais a tocar instrumentos tradicionais, simbolizando 'unidade na diversidade', o lema paradoxal escolhido pela Índia independente após a separação do Paquistão, em 1947. No vídeo, Malani confronta a pintura de Varmã em animação por apagamento com a história recente da Índia, encenada numa performance, particularmente o genocídio de 2002 da população muçulmana de Gujarat. O surto de violência entre as comunidades foi o mais sangrento na Índia desde a independência, abalando até os alicerces a nação democrática. O que começa como uma composição harmoniosa, com todas as partes da nação a tocar juntas uma música suave, termina num banho de sangue. Ouve-se um tiroteio e a música dá lugar a gritos e lamentações. A orquestra transforma-se num exército em que as mulheres transportam espingardas para se protegerem da violência. Imagens de um aborto cirúrgico simbolizam o fracasso de um futuro promissor. Uma voz que soa como Nehru a evocar a tarefa inacabada do nacionalismo liberal apresenta um manifesto pessimista retirado da peça *Der Auftrag* de Heiner Müller, inspirada num texto de 1933 de Bertolt Brecht.

Uma versão em canal único do vídeo/ jogo de sombras *In Search of Vanished Blood*, 2012, apresentado na DOCUMENTA

desse ano, combina igualmente a animação por apagamento e a performance. Esta obra expande alguns temas da artista: a exploração ponderada da violência, o poder regenerativo do mito, a voz feminina e a geopolítica da identidade nacional. O título *In Search of Vanished Blood* foi retirado do poema de 1965, em urdu, *Lahu Ka Surag* e faz referência ao romance *Cassandra*, 1984, de Christa Wolf, e também ao livro de Rainer Maria Rilke, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*, 1910. A paisagem sonora usa uma colagem de textos de *Die Hamletmaschine*, de Heiner Müller, 1977, de *Krapp's Last Tape*, de Samuel Beckett, 1958, e a tradução para inglês que Gayatri Spivak fez em 1997 da história *Draupadi*, do escritor Mahasweta Devi. Ao fazer referência ao lugar das mulheres na sociedade indiana através das culturas e do tempo, esta obra remete para outros contextos e condições na interrogação de questões relacionadas com a justiça, o género e a sua representação.

A grande instalação imersiva que encerra a exposição é composta por nove projeções vídeo de animações e frases. **Can You Hear Me?**, embora tenha partido de uma violenta história passada na Índia, uma violação coletiva que envolveu a morte brutal de uma criança, é uma ode a todos aqueles que não têm voz. Realizada entre 2018 e 2020, a instalação é composta por animações em que se sobrepõem imagens realizadas pela artista e fragmentos de citações de escritores tão influentes como Hannah Arendt, James Baldwin, Bertolt Brecht, Veena Das, Faiz Ahmad Faiz, Milan Kundera, George Orwell e Wislawa Szymborska. Segundo a artista, *Can You Hear Me?* corresponde ao tipo de animação a que se tem dedicado mais recentemente, a que chama cadernos de notas [notebooks] e que são realizados digitalmente num iPad. Malani já afirmou: "Quando eu vejo ou leio

alguma coisa que capta a minha imaginação, tenho a necessidade de reagir através de um desenho ou de desenhos em movimento. Não exatamente de forma mimética, mas mais como uma 'Memória Emoção'. Sinto-me como uma mulher com pensamentos e fantasias que são disparados da sua cabeça. Cada um deles pode conter ideias diferentes e não parecerem ser da mesma pessoa. Cada uma dessas vozes na minha cabeça precisa, portanto de uma diferente caligrafia."

### **BIOGRAFIA DA ARTISTA:**

Nalini Malani é uma das artistas contemporâneas mais influentes na Índia, com uma sólida carreira que recebeu ampla consagração internacional. Nasceu em Carachi em 1946, um ano antes da separação entre a Índia e o Paquistão na sequência da independência do Império Britânico. A sua família refugiou-se em Calcutá em 1947 e mudou-se para Mumbai em 1954. O trauma pessoal e coletivo da Partição da Índia, a experiência precoce de deslocamento e o estatuto de refugiada marcaram a sua biografia e produção artística, que se desenvolveu, nas suas próprias palavras, como uma tentativa de "dar sentido aos sentimentos de perda, exílio e saudade" que tanto marcaram a sua infância. Malani estudou belas-artes na Sir Jamssetjee Jeejeebhoy School of Art, em Mumbai. Durante esse período, instalou o seu estúdio no Bhulabhai Memorial Institute, onde artistas, músicos, bailarinos e atores trabalhavam individualmente e em comunidade. Logo após terminar a formação académica, Malani trabalhou em cinema e fotografia. De 1970 a 1972, recebeu uma bolsa do governo francês para estudar arte em Paris, onde entrou em contacto as teorias de Louis Althusser, Roland Barthes e Noam Chomsky, entre outros. Em 1973, voltou para

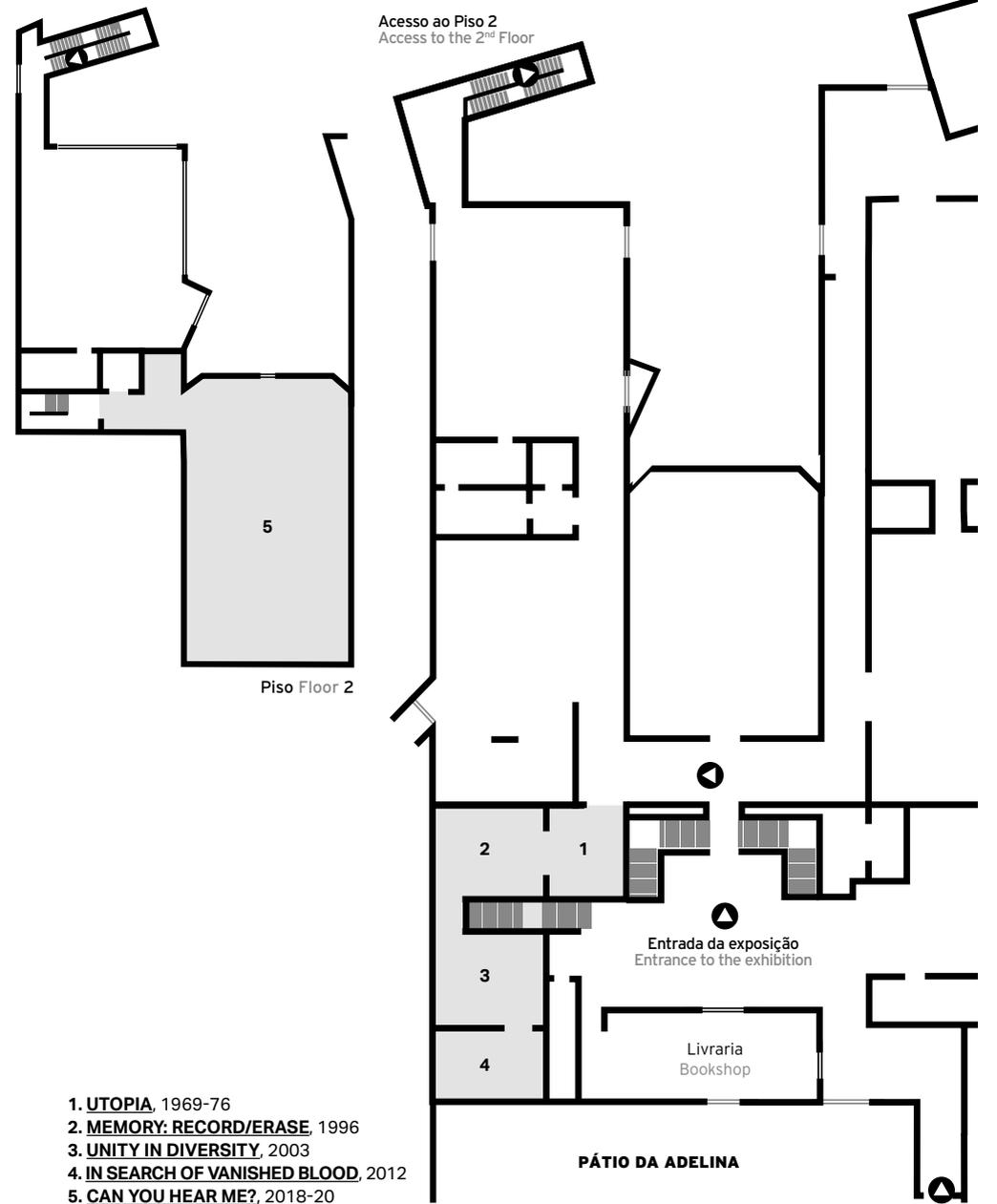
a Índia, determinada a contribuir para a modernização e emancipação intelectual do seu país através da arte. Em 2010, o San Francisco Art Institute concedeu-lhe um doutoramento *honoris causa* e, em 2013, foi a primeira mulher asiática a receber o prémio Arts & Culture Fukuoka Prize. Também recebeu outras importantes distinções, como o St. Moritz Art Masters Lifetime Achievement Award em 2014 e o Asian Art Game Changers Award em 2016. A ampla gama de interesses de Malani sempre a levou a colaborar com artistas e pensadores de várias áreas, como o antropólogo Arjun Appadurai, a atriz Alaknanda Samarth, o bailarino de Butoh Harada Nobuo e a encenadora Anuradha Kapur. Essas colaborações atestam a exploração contínua de formas interdisciplinares para investigar e comunicar as questões pessoais e políticas que moldam a sua arte. Ao longo de cinco décadas e com mais de trezentas exposições – duzentas das quais internacionais – as suas obras foram exibidas nos principais centros de arte contemporânea do mundo, com exposições individuais no ICA (Boston), no Stedelijk Museum (Amsterdão), no Irish Museum of Modern Art (Dublin) e no New Museum of Contemporary Art (Nova Iorque); e retrospectivas no Castello di Rivoli – Museu de Arte Contemporânea (Rivoli) em 2018, no Centre Pompidou (Paris) em 2017, no Museu de Arte Kiran Nadar (Nova Delhi) em 2014, no Musée Cantonal des Beaux-Arts (Lausanne) em 2010 e no Museu Peabody Essex (Salem) em 2005. Os seus trabalhos foram apresentados em vinte bienais, como a 12.ª Bienal de Xangai em 2018; a DOCUMENTA 13 em 2012 em Kassel; a 16.ª Bienal de Sydney; as exposições da 52.ª e 51.ª Bienais de Veneza em 2007 e 2005, e a terceira Bienal de Seul em 2004. A obra de Nalini Malani está representada em várias coleções de museus em todo o mundo.



Nalini Malani *Memory: Record/Erase, 1996*

**A EXPOSIÇÃO TEM LUGAR NOS PISOS 3 E 2 DAS GALERIAS DO MUSEU.**

**THE EXHIBITION TAKES PLACE ON THE FLOOR 3 AND 2 OF THE MUSEUM GALLERIES.**



- 1. UTOPIA, 1969-76
- 2. MEMORY: RECORD/ERASE, 1996
- 3. UNITY IN DIVERSITY, 2003
- 4. IN SEARCH OF VANISHED BLOOD, 2012
- 5. CAN YOU HEAR ME?, 2018-20

## **NALINI MALANI: UTOPIA!?**

This is the first exhibition of celebrated Indian artist Nalini Malani (Karachi, Undivided India, 1946) in Portugal. Widely known for her Video/Shadow Plays, the show at the Serralves Museum focuses on her animations produced between the late 1960s and the present, an equally significant side of her work with which the public might be less familiar.

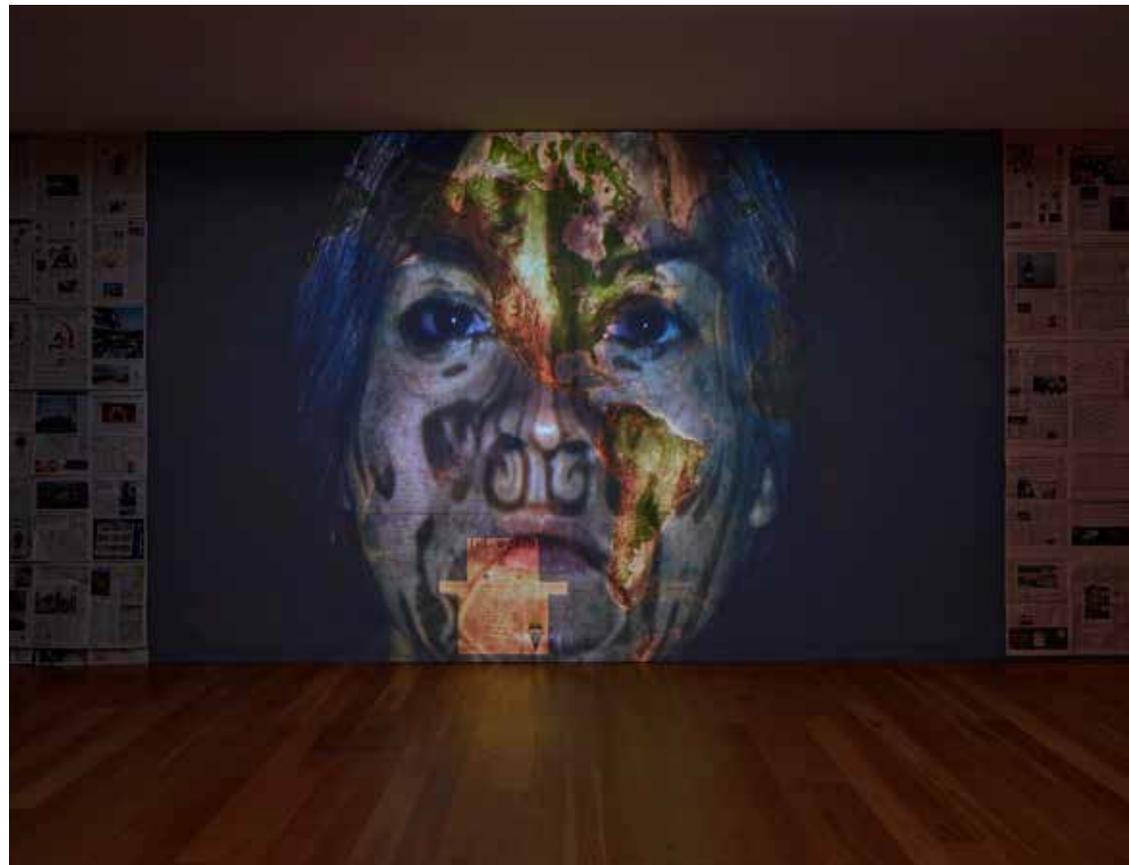
With her provocative, feminist voice Nalini Malani burst onto the male-dominated Indian art scene of the late 1960s, going on to pioneer media such as experimental film, painting, video and installation. The artist not only gave women a voice, but stood out for her concern with social issues, giving a role to the marginalized through visual stories (namely animations) that explore the themes of feminism, violence, racial tension, and post-colonial legacies. Made between 1969 and 2020, the animations shown in Serralves have been grouped under the sign of Utopia. On the one hand, they illustrate the utopian sentiment that followed India's independence and, on the other, the disillusionment with the path the country has taken under the rules dictated by the religious orthodoxy.

In the late 1960s, Nalini Malani emerged as a pioneering figure at the Vision Exchange Workshop (VIEW) with experimental film and cameraless photography. Her works emphasised the belief in the modern state under Nehru and at the same time denounced the discrimination women suffered in the country, a topic the artist has continued to explore throughout her work since. This juxtaposition stands central in ***Utopia***, the two-screen installation, 8 mm colour stop-motion

animation film (Dream Houses) and 16 mm black and white film, transferred to digital medium, which begins the exhibition, produced by the artist from 1969 to 1976.

The exhibition continues with ***Memory: Record/Erase***, which is Malani's first erasure animation made in 1996, as part of the play *Naukari*, 1997, for which she collaborated with theatre director Anuradha Kapur. Based on 'The Job,' a short story by celebrated German poet and playwright Bertolt Brecht, the story follows a poverty-stricken family during the German depression, as the central character, Frau Hausmann, is forced to impersonate her late husband to procure his job as a nightwatchman to support her two children. Despite her exceptional performance during the job, and even after receiving public commendation for catching a thief, when eventually her identity is discovered during a factory accident she is forced into a precarious existence where she resorts to selling herself to get by. Malani's interpretation is comprised by drawings on parchment paper that suddenly appear, mutate, and subsequently vanish. Beyond referencing a glaring injustice and highlighting the arbitrary division of labour between genders, Malani poetically alludes to the fragile and ephemeral nature of our identities, our memory and more broadly our humanity.

As a socio-political committed artist, Nalini Malani sees her work as an active, eyewitness account of modern society. ***Unity in Diversity***, 2003, mimics a middle-class Indian sitting room, with historical photographs of Gandhi and Nehru on the walls bathed in dim light, and a large painting that comes to life before our very eyes. It is a video shown in a large, gilded frame holding Ravi Varmâ's undated canvas *Galaxy of Musicians*, shown at the



Chicago World Congress of Religions in 1893, where philosopher Swami Vivekananda warned of the dangers of religious orthodoxy. At the time, India was witnessing the rise of a nationalist school of thought alongside powerful reformist movements. The painting depicts eleven female musicians in regional costume playing traditional instruments, symbolising 'unity in diversity', the paradoxical motto chosen by India at the country's independence following the partition of Pakistan in 1947. In the video, Malani confronts Varmā's painting in an erasure animation with recent Indian history staged in a performance, particularly the 2002 genocide of the Muslim population of Gujarat. The outbreak of violence between communities was the bloodiest in India since independence, shaking the democratic nation to its foundations. What starts out as a harmonious composition, with all parts of the nation playing sweet music together, ends in a bloodbath. Gunfire rattles as the music gives way to screams and lamentations. The orchestra morphs into an army where women carry rifles to protect themselves from abuse. Images of a surgical abortion symbolise the failure of a promising future. A voice that sounds like Nehru evoking the unfinished task of liberal nationalism delivers a pessimistic manifesto borrowed from Heiner Müller's play *Der Auftrag* [The Task], inspired by a 1933 text by Bertolt Brecht.

A single-channel version of Nalini Malani's large-scale multi-media 'video/shadow play', *In Search of Vanished Blood*, 2012, featured in DOCUMENTA (13), 2012, equally combines the use of erasure animation and performance. The work further extends Malani's considered exploration of violence, the regenerative power of myth, the feminine voice, and the geopolitics of national identity. *In Search of Vanished*

*Blood* was titled after the 1965 Urdu poem *Lahu Ka Surag* and references the novel *Cassandra*, 1984, by Christa Wolf as well as Rainer Maria Rilke's book, *The Notebooks of Malte Laurids Brigge*, 1910. The soundscape comprises collaged texts from Heiner Müller's *Die Hamletmaschine*, 1977, Samuel Beckett's *Krapp's Last Tape*, 1958 and Gayatri Spivak's 1997 translation to English of the story *Draupadi* by writer Mahasweta Devi. While referencing the place of women in Indian society, this work translates across cultures and time to other contexts and conditions in its interrogation of issues relating to justice, gender and their representation.

*Can You Hear Me?*, the large immersive installation that closes off the exhibition, consists of nine video projections of eighty-eight iPad animations, a medium she taught herself in 2015, including the sound. Malani describes the process of drawing, rubbing, scratching and erasing, with her index finger as something very raw, to do with messing around in one's mind. The work is based on a brutal gang rape that took place in India involving the violent death of a child, but the piece is in fact an ode to all of those who are voiceless. Produced between 2018 and 2020, the installation includes animations containing juxtaposed images by the artist and fragments of quotes of writers as influential as Hannah Arendt, James Baldwin, Bertolt Brecht, Veena Das, Faiz Ahmad Faiz, Milan Kundera, George Orwell and Wislawa Szymborska. According to the artist, *Can You Hear Me?* corresponds to the type of animation that she has been focusing on recently, which she calls 'notebooks' (digitally created on an iPad). As Malani has stated: 'When I see or read something that captures my imagination, I have a need to react with a drawing or drawings in motion. Not exactly

in its mimetic form but more as a 'Memory Emotion'. I feel like a woman with thoughts and fantasies shooting from the head. Each of them can have different ideas and may not feel like it is from the same person. Each of these voices in my head needs therefore a different penmanship'.

#### BIOGRAPHY OF THE ARTIST:

Nalini Malani is one of the most influential contemporary artists in India, with a solid trajectory that has received broad international acclaim. She was born in Karachi in 1946, one year before the separation of India and Pakistan following independence from the British Empire. Her family sought refuge in Kolkata in 1947 and then moved to Mumbai in 1954. The personal and collective trauma of the Partition of India, her early experience of displacement and her refugee status marked her biography and her artistic output, which developed, in her own words, as an attempt to "make sense of the feelings of loss, exile and nostalgia" that had such an impact on her childhood. Malani studied fine arts at the Sir Jamssetjee Jeejeebhoy School of Art in Mumbai. During that time, she set up her studio at the Bhulabhai Memorial Institute, also in Mumbai, where artists, musicians, dancers and actors worked individually and as a community. Soon after graduating, Malani worked in film and photography. From 1970 to 1972, she received a scholarship from the French government to study art in Paris, where she encountered the theories of Louis Althusser, Roland Barthes and Noam Chomsky, among others. In 1973 Malani moved back to India, determined to contribute to her country's modernization and intellectual emancipation through art.

In 2010, the San Francisco Art Institute granted Malani an honorary doctorate and in 2013 she became the first Asian woman to receive the Arts & Culture Fukuoka Prize. She has received other salient distinctions as well, such as the St. Moritz Art Masters Lifetime Achievement Award in 2014 the Asian Art Game Changers Award in 2016 and the first London's National Gallery Contemporary Fellowship in 2020. Malani's broad range of interests has often driven her to work alongside artists and thinkers from various fields, such as anthropologist Arjun Appadurai, actor Alaknanda Samarth, Butoh dancer Harada Nobuo and theatre director Anuradha Kapur. These collaborations attest to her ongoing exploration of interdisciplinary forms to inquire into and communicate the personal and political questions that shape her art. Over the course of five decades and with more than three hundred exhibitions to her name – two hundred of which were international – her output has been shown at the leading contemporary art venues in the world, with solo exhibitions at the ICA (Boston), the Stedelijk Museum (Amsterdam), the Irish Museum of Modern Art (Dublin) and the New Museum of Contemporary Art (New York); and retrospectives at the Castello di Rivoli – Contemporary Art Museum (Rivoli) in 2018, the Centre Pompidou (Paris) in 2017, the Kiran Nadar Museum of Art (New Delhi) in 2014, the Musée cantonal des Beaux-Arts (Lausanne) in 2010 and the Peabody Essex Museum (Salem) in 2005. Her work has been featured in twenty biennials, such as the 12<sup>th</sup> Shanghai Biennale in 2018; DOCUMENTA 13 in 2012 in Kassel; the 16<sup>th</sup> Biennale of Sydney; the 52<sup>nd</sup> and 51<sup>st</sup> Venice Biennale exhibitions in 2007 and 2005, and the third Seoul Biennale in 2004. Nalini Malani's works are included in several museum collections throughout the world.



## VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.–1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt  
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00  
Tel: 22 615 65 46  
Fax: 22 615 65 33

Marcações online em Online booking at [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

## LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

[loja.online@serralves.pt](mailto:loja.online@serralves.pt)  
[www.loja.serralves.pt](http://www.loja.serralves.pt)

## LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00  
Seg Mon - Encerrado Closed

## BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

## RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated to one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

[restaurante.serralves@ibersol.pt](mailto:restaurante.serralves@ibersol.pt)

## CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 11h00-19h00

### Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto – Portugal

[serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt)

Geral General line:  
(+ 351) 808 200 543  
(+ 351) 226 156 500

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

[f /fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

[t /serralves\\_twit](https://twitter.com/serralves_twit)

[ig /fundacao\\_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

[yt /serralves](https://www.youtube.com/channel/UCserralves)

Apoio institucional  
Institutional support

Mecenas da Exposição  
Exhibition supported by

